

FORUM MUNDIAL DA ÁGUA

Roberto Rodrigues*

Esta semana está acontecendo em Brasília o 8º Forum Mundial da Água, ao qual acorrerão autoridades, lideranças acadêmicas, instituições públicas e privadas e estudiosos do mundo todo preocupados com as perspectivas de escassez deste bem fundamental para a vida no planeta. O tema do evento, "Compartilhando Água", dá a direção das discussões: é preciso usar a água de forma inteligente, racional e equilibrada, para que não falte para ninguém, direta ou indiretamente.

Naturalmente, a atividade produtiva rural tem enorme interesse nesse debate, particularmente por causa da irrigação. Há diversos países nos quais a produção agrícola só se viabiliza com irrigação, e, em muitos casos, como na China, nem sempre há água suficiente para a produção e para outros fins que interessam à espécie humana. Daí a relevância do tema central do Forum.

Segundo estudo da FAO, nos próximos 25 anos cerca de 80% dos alimentos necessários ao consumo humano virão de cultivos irrigados. Se essa estimativa estiver correta, será preciso avançar muito nesta importante tecnologia, sobretudo em mecanismos de poupança e "compartilhamento" de água.

No Brasil de hoje temos pouco mais de 7 milhões de hectares irrigados, o que é menos de 10% de nossa área agricultada. Em maio de 2016 o Ministério da Agricultura lançou o Plano para Expansão, Aprimoramento e Desenvolvimento Sustentável da Agricultura Irrigada no Brasil, estabelecendo a ambiciosa meta de chegar em 2026 com 11,2 milhões de hectares irrigados, um crescimento aproximado de 60% em 10 anos. O Plano visa a promoção do uso racional da água, a minimização de perdas em colheitas por secas e veranicos, o aumento a produtividade agrícola de 3,4 para 4 toneladas por hectare, e a geração de 7,5 milhões de empregos diretos e indiretos.

Há muito o que fazer para atingir esta meta, e entre os temas a enfrentar estão a disponibilidade energética, sobretudo nas regiões mais afastadas da fronteira agrícola, e a burocracia de licenciamento ambiental e outorga da água. Outra questão relevante é a escolha do tipo mais eficiente de equipamentos tendo em vista o máximo aproveitamento e mínima demanda por água. Neste sentido, as tecnologias do gotejamento e a da microaspersão tendem a crescer quando comparadas com outros modelos, como a irrigação por inundação. O grande crescimento recente aconteceu com os pivôs centrais.

Naturalmente, um ponto nevrálgico para a decisão sobre irrigar ou não é o custo do investimento. E os números a esse respeito variam muito, mas avalia-se que, na média, o custo ficaria por volta de 8 mil reais por hectare. Supondo que o preço médio do hectare da terra agricultável esteja em torno de 30 mil reais, o investimento inicial seria aproximadamente de 25% do valor da terra.

Valeria a pena? É preciso investigar isso a fundo, pensando no interesse geral da sociedade. Experimentos da Embrapa com 20 variedades de milho irrigado mostram um aumento de produtividade variando de 36% até 84%. Irrigação por gotejamento em café aumenta muito a produtividade porque

elimina a questão da bianualidade produtiva. Em outras culturas permanentes também se observam aumentos expressivos. E nem se fale dos hortifruti e ainda do arroz, cujo cultivo em sequeiro é de alto risco. Além disso, obter duas ou mais safras de grãos por ano fica viável, reduzindo custos unitários de produção. A utilização de máquinas e equipamentos fica otimizada, assim como a aplicação de fertilizantes e defensivos. Há maior uniformidade no padrão produzido, a incerteza climática desaparece, a oferta de sementes fica estabilizada, melhora a qualidade da mão-de-obra rural.

Enfim, devemos aproveitar a oportunidade da realização do Forum no Brasil para discutir o tema do uso e do consumo (que são diferentes) da água na agropecuária brasileira, sob uma premissa fundamental: não pode haver, como já aconteceu no passado, divisão entre agro e ambientalismo. Ao contrário. A partir do Código Florestal, da avaliação do Cadastro Ambiental Rural e da necessidade de restauração de Áreas de Preservação Permanente (APP), o agricultor será também um "produtor de água". Em outras palavras, o campo é parte da solução para o problema global da água. O tema exige que cada indivíduo aja com o pensamento no coletivo, sem egoísmo, ideologia ou radicalismo. Até porque, sem água, estes fatores não terão a menor importância.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças segundas-feiras do mês**